

E ditar, produzir e fazer circular livros que possam colaborar com a melhoria do ensino no Brasil, estabelecer uma ponte entre a produção do conhecimento e a sociedade. Promover a circulação do saber, enfim. Esta tem sido, desde o início, a preocupação da Editora Contexto.

Boa leitura!

Siga-nos:



www.editoracontexto.com.br



SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

A forma pura da pedra.....	11
Imperfeição	15
A ruína	23
Medos masculinos e mulheres obsoletas	25
Passado	35
Baratas	37
A janela	39
O gosto da culpa.....	49
Hamlet.....	52
A caça.....	55
Promiscuidade.....	58

Pureza	60
Nudez	63
Caráter	65
Jantares inteligentes	67
Ela	73
Nuance	74
O abismo	77
O rei Davi	94
Destino	96
Uma pequena moral	98
Agonia	100
Cotidiano	105
Dinheiro	107
Babel	111
Afrodite	118
A palavra mortal	122
<i>Wasteland</i>	125
Sobrevivente	128
Liberdade	131
Inferno	134
A face do filósofo hebreu	136
No Sinai	152
O autor	157



INTRODUÇÃO

**A FORMA PURA
DA PEDRA**

Os ensaios e os fragmentos que aqui ofereço ao leitor são, no seu corpo, cenas de uma filosofia do afeto. O afeto que pensa o cotidiano. Na sua alma, estes ensaios são um tratado – aos pedaços, assim como eu – contra um mundo que mente sobre si mesmo. Dizia pedaços porque a descontinuidade descreve melhor uma filosofia do afeto, que se move a sobressaltos, e também porque o cotidiano é descontínuo. Sinto-me em casa numa filosofia que tem uma ra-

zão cética e uma sensibilidade trágica. Muita gente me perguntará ao ler estes ensaios: “afinal, por que sou contra um mundo melhor? E por que o ceticismo e a tragédia seriam a minha casa?”. A resposta a essas questões – por que sou contra um mundo melhor e por que o ceticismo e a tragédia são minha casa – se encontra nestes ensaios e fragmentos, de modo impreciso e incerto, e aos pedaços, como dizia anteriormente. Ao longo dos ensaios e dos fragmentos, o leitor perceberá que sou contra um mundo melhor, que sou cético e que carrego uma sensibilidade trágica, independentemente de minha vontade filosófica. E por quê? Porque o que nos humaniza é o fracasso, homens e mulheres muito felizes não são homens e mulheres. Tenho medo de pessoas muito felizes. A consciência trágica, seja ela cósmica, seja miserável, miúda e cotidiana, determina o horizonte onde se move o humano. Dedico essas palavras a todos os nossos fracassos, e com esses olhos atentos ao medo que porta seu nome próprio é que o leitor deve ler estes ensaios e fragmentos aos pedaços. Os ensaios se movem em dois níveis, mas em velocidade, assim como numa montanha-russa. Um mais superficial, rápido, no qual

descrevo imagens, pressinto dramas, fotografo pensamentos na sua nascente. Noutra, mais profundo, em que mergulho na filosofia, indicando meu trajeto filosófico, apontando minha filiação, descortinando quem fotografa os pensamentos superficiais e sem peso que preenchem meu imaginário cotidiano. A passagem de um nível geográfico do pensamento para o outro se dá de forma abrupta, violenta, sem mediações nem concessões às dificuldades do leitor. Minha intenção ao fazer uso dessa indiferença metodológica para com as dificuldades do leitor é testar seu fôlego. É necessária certa agilidade para acompanhar as passagens entre os dois níveis. Frases curtas (com o objetivo confesso de nunca dizer tudo que penso, nem tudo que sei sobre o assunto), falo aos homens e às mulheres do mundo contemporâneo, sem tempo, sempre com pressa e sem tempo; com pressa e fazendo contas; falando ao celular, enquanto fazem contas; correndo, assim como insetos assustados que correm como crianças com medo, em busca do repouso oferecido pela sombra e pelo esquecimento. E no futuro, sonhando com a vida silenciosa na forma pura da pedra. Uma pedra que presente a divindade.